

Nota dos editores

“A arte e nada mais que a arte! Ela é a grande possibilitadora da vida, a grande aliciadora da vida, o grande estimulante da vida”

Friedrich Nietzsche

A partir dessa potente reflexão do filósofo Friedrich Nietzsche abrimos mais um número de nossa revista. A arte contemporânea é o tema central e a presente edição perpassará por diferentes perspectivas com o intuito de refletir o lugar da arte na contemporaneidade e a contemporaneidade na arte contemporânea.

A partir de artigos estimulantes, capazes de potencializar essa reflexão, acreditamos que as múltiplas intersecções da arte são e devem ser pensadas, considerando a relação indissociável com a vida. É isso que nos diz Nietzsche: aliciadora da vida. Aqui, aliciar está sendo adotado a partir do sentido de atrair, seduzir, envolver, tornar cúmplice, ou seja, múltiplos sentidos que fazem com a que a arte, essa expressão tão singular da vida humana, manifeste-se e esteja presente em qualquer forma social, política, cultural e econômica, atravessada pela história humana, pela forma como os homens fazem a história e se fazem na história.

Nos tempos atuais pensamos que era uma tarefa, quase missão, colocar a arte no centro de nossa atual edição a partir das múltiplas e caleidoscópicas reflexões que vão desde as aproximações entre a arte e a política, incluindo as diferentes possibilidades de se pensar sobre essa relação, sobre essa sinergia entre dois campos indissociáveis, que se entrecruzam, afetando-se constantemente.

Resgatamos aqui algumas formas de se pensar a potência da arte e, talvez na atualidade, esta seja uma urgente e necessária afirmação, considerando os frequentes questionamentos à produção artística, os embates políticos relativos às expressões artísticas que constantemente buscam enfraquecer os sujeitos a partir de levianas posturas para mantê-los distantes da arte. De fato, ela pode chegar

a ser perigosa, à medida que é capaz de proporcionar experiências, vivências, inspirações críticas e até mesmo contestadoras.

Acreditamos que o pensamento na arte, a partir da arte, deve ser reafirmado como forma de garantir, de intensificar a vida, potencializar a subjetividade individual e coletiva para que a sociedade seja capaz de enfrentar todo e qualquer ideário autoritário, que busca apenas e tão somente, por diferentes mecanismos, intervir e capturar a potência de vida.

Abrimos a edição com a entrevista de Regina Silveira, realizada por Cauê Alves, motivo de honra para o Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política, considerando que ela nos presenteou no final dos anos 90 com o nosso logo que marca até o presente momento nossa atuação.

Considerada uma das artistas contemporâneas mais instigantes, Regina Silveira traz uma reflexão sobre sua obra, seus percursos, as origens em Porto Alegre, encontros com outros artistas, andanças pelo mundo, trazendo a partir da própria experiência artística o olhar sensível sobre a sociedade, a política, a vida.

No ensaio *Intensidades políticas na arte: apontamentos*, Miguel Chaia sugere algumas possibilidades para pensarmos as intensidades políticas nas múltiplas linguagens artísticas e a partir dessa perspectiva podermos caracterizar as aproximações entre arte e política.

Pensar a arte contemporânea e sua relação com o sagrado é a temática central de Maria Angélica Melendi, a partir da reflexão sobre a obra da artista cubana, Belkis Ayón, jovem negra cujo trabalho se baseou na religião afro-cubana, a partir de uma pesquisa sobre a mitologia abakuá na qual encontrou a riqueza simbólica de uma sociedade secreta masculina, uma confraria que trazia as tradições africanas pouco cultuadas em Cuba, além da relação paradoxal com o sagrado, aspecto chave na produção artista cubana.

Entre outra perspectiva encontramos as reflexões sobre os museus nos textos de Wilmihara Benevides da Silva Alves dos Santos, *A linguagem política dos espaços museais*, e Fabio Cypriano, *Quando o museu se torna um canal de informação*. O primeiro texto abordará a concepção do espaço museal como formas de se consagrar valores e ideias e considerando esse importante papel, a autora, problematiza as opções das exposições, tendo como eixo de análise o Museu da Língua Portuguesa, cujo objeto museológico é a língua que se fala. Fabio Cypriano, em outra dimensão, discute os espaços de arte como formas de divulgação de conteúdos ignorados em

meios de comunicação formais. Dessa forma, entende que a arte contemporânea também pode ser entendida como uma prática documental. Nesse sentido, aborda a obra de duas artistas: a fotógrafa suíça radicada no Brasil, Claudia Andujar, e Rosângela Rennó. Ambas apresentaram seus trabalhos em exposições realizadas em 2018.

Em *Memória, Arquivo e Curadoria na Cultura Digital*, Priscila Arantes aborda o estatuto da memória e do arquivo na cultura contemporânea, buscando compreender o papel da memória e do esquecimento na produção da autoimagem de grupos, culturas e nações.

Ainda nessa edição, oferecemos dois artigos não diretamente relacionados à arte contemporânea, embora apresentem conexões, proximidades. *O Ciberativismo potencializado via memes: uma análise de articulação de pautas políticas e sociais nas redes*, de Mariella Batarra Mian e Alessandra de Castilho, aborda o uso dos memes nas práticas sociais e políticas coletivas, colocando reflexões importantes e necessárias sobre a atualidade do ciberativismo e a política na contemporaneidade.

Ivan Fortunato em *Multiculturalismo e formação docente: experiências em um Instituto Federal* discute o papel da teoria multiculturalista na educação, pensando a educação para além do aspecto formal. Nesse sentido, a partir da experiência da formação docente debate a possibilidade de se pensar na relevante e complexa relação entre a educação e o multiculturalismo.

Convidamos e desafiamos à leitura desses textos instigantes e potencializadores da reflexão necessária sobre as questões levantadas pelos autores.

Os Editores